

Laços de Família: uma trajetória dos Schramm pelo Brasil, século XIX

Amâncio Cardoso*

Resumo

Este artigo objetiva elucidar algumas lacunas sobre a presença da família Schramm no Nordeste, e em especial em Sergipe, no século XIX. Essa família teve papel relevante sobretudo no setor econômico e financeiro, mas também em investimentos culturais. Assim, reconstituiremos o percurso dos Schramm no Brasil. Para isso, o texto busca responder os seguintes problemas: Qual a trajetória e a importância dos Schramm para a economia das províncias em que atuaram? Qual a influência dessa família na vida sociocultural onde residiram? Por que os Schramm deixaram o Brasil? Neste sentido, serão examinados jornais, relatórios, cartas, diário, relatos de viagem e registro civil. Estas fontes serão complementadas por bibliografia pertinente para cercar o objeto e lhe dar inteligibilidade.

Palavras-chave: Família Schramm, Trajetória, Século XIX.

321



* Mestre em História Social pela UNICAMPL. Licenciado em História e Especialista em Geografia Agrária (UFS). Professor efetivo do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Sócio do IHGSE.

Family Ties: a journey of the Schramms through Brazil, 19th century

Lazos familiares: una trayectoria de los Schramm por Brasil, siglo XIX

Abstract

This article aims to clarify some gaps regarding the presence of the Schramm family in the Northeast, and especially in Sergipe, in the 19th century. This family played a relevant role, above all, in the economic and financial sector, but also in cultural investments. Thus, we will reconstruct the Schramm family's trajectory in Brazil. To this end, the text seeks to answer the following questions: what was the trajectory and importance of the Schramm family for the economy of the provinces in which they worked? What was the influence of this family on the sociocultural life of the places where they lived? Why did the Schramm family leave Brazil? In this sense, newspapers, reports, letters, diaries, travel accounts and civil records will be examined. These sources will be complemented by pertinent bibliography to surround the subject and give it intelligibility.

Keywords: Schramm Family, Trajectory, 19th Century.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo dilucidar algunas lagunas respecto de la presencia de la familia Schramm en el Nordeste, y especialmente en Sergipe, en el siglo XIX. Esta familia jugó un papel importante principalmente en el sector económico y financiero, pero también en las inversiones culturales. Así, reconstruiremos el viaje de los Schramm en Brasil. Para ello, el texto busca responder a los siguientes problemas: ¿cuál es la trayectoria e importancia de los Schramm para la economía de las provincias en las que operaron? ¿Cuál fue la influencia de esta familia en la vida sociocultural donde vivían? ¿Por qué los Schramm abandonaron Brasil? En este sentido, se examinarán periódicos, informes, cartas, diarios, informes de viajes y registros civiles. Estas fuentes se complementarán con bibliografía relevante para rodear el objeto y darle inteligibilidad.

Palabras clave: Familia Schramm, Trayectoria, Siglo XIX.



Introdução

Para Rosilvane e Laurent Avrane, amigos que me enviaram bibliografia essencial de Paris-França.

Vários imigrantes europeus, que viveram no Brasil do século XIX, vieram com intuito de trabalhar e prosperar. Porém, só alguns conseguiram ascender e se destacar socialmente. Um exemplo de êxito foi o da família Schramm. Originários da cidade portuária de Hamburgo, às margens do rio Elba, que a conecta ao Mar do Norte, os Schramm vieram ao Brasil nas primeiras décadas do oitocentos e atuaram com relativo êxito nas áreas do comércio e finanças até o início do século seguinte.

Logo depois do reconhecimento da Independência do Brasil, mercadores de Hamburgo e outras cidades hanseáticas intensificaram a relação comercial com o novo Império. Assim, os germânicos se interessaram pela aquisição de café, açúcar e o que mais o Brasil pudesse oferecer. Em troca, punham à disposição produtos industrializados. Desta forma, Hamburgo seria “o grande entreposto de mercadorias brasileiras na Europa” (Campos, 1974, p. 220-221).¹

Os Schramm atuaram em Recife e Salvador. Mas foi em Sergipe onde fixaram residência por mais tempo, fundando uma das sedes de seus negócios na cidade de Maruim com a casa A. Schramm & C^a, especializada no ramo de exportação-importação e crédito financeiro. Conforme escreveu uma historiadora, “o papel dos Schramm na vida econômica sergipana do século XIX ainda está por se estudar” (Almeida, 1984, p. 182).

Diante dessa assertiva, responderemos os seguintes problemas: qual a trajetória e a importância dos Schramm para a economia das províncias em que atuaram? Qual a influência dessa família teutônica na vida sociocultural onde residiram? Por que os Schramm deixaram o Brasil? Ao responder as questões, visa-se compreender a participação dos Schramm não apenas no âmbito econômico, prin-

¹ Os estados germânicos, e a partir de 1871 a Alemanha, foram um dos maiores parceiros comerciais do Brasil na Europa no século XIX (Lamberg, 1896, p. 91-94).

cipal setor de atuação, mas inclusive no aspecto sociocultural dos lugares onde se estabeleceram.

Para responder aquelas perguntas, pretende-se elucidar algumas lacunas sobre essa família germânica. Para tanto, reconstituiremos o percurso dos Schramm pelas províncias e seu impacto na região. Assim, usaremos a noção de trajetória como um itinerário de pesquisa, menos aprofundado que a biografia, mas em que não se deixa de analisar campos sociais para situar agentes históricos no contexto em que estão inseridos (Schwarcz, 2013, p. 56).

Neste sentido, serão examinadas fontes como jornais, relatórios oficiais, cartas, diário, relatos de viagem e registro civil. Estes documentos serão complementados por uma bibliografia pertinente para cercar o objeto de pesquisa e lhe dar inteligibilidade.

Na primeira parte deste artigo abordaremos a chegada e atuação dos Schramm em Recife. Logo depois, apresentaremos a inserção e importância econômica e sociocultural de membros da família em Sergipe; e um breve aspecto de seus negócios na Bahia. Em seguida, examinaremos os motivos do fim da empresa no Brasil. E por fim, apresentaremos conclusões num esforço de compreensão sobre a atuação dos Schramm em diversas áreas.

1 Negociando em Recife-PE

Em 1827, uma missão das cidades hanseáticas (Bremen, Lübeck e Hamburgo) esteve no Brasil para assinar o Tratado de Navegação e Comércio com D. Pedro I (1798-1834). Ela era composta pelo senador de Bremen, Friedrich Gildemeister (1779-1849); pelo síndico do Senado de Hamburgo Karl Sieveking (1787-1847) e pelo comerciante Adolph Schramm (1805-1887), que serviu de secretário do síndico e diplomata Sieveking por saber falar português e tentar organizar a emigração de alemães para o Brasil (Schramm, 1964, p. 436, v. 2; Naranch, 2021).²

² Para o Senado de Hamburgo era urgente fechar acordos, visando participar das rotas transatlânticas, após séculos de exclusão devido ao monopólio mercantilista do período colonial (Lens, 2004, p. 64).



Três anos após o Tratado, em novembro de 1830, Adolph aportou em Pernambuco vindo da Europa. No ano seguinte, 1831, ele se estabeleceu como comerciante em Recife, com firma na rua da Cruz, nº 27.³ Adolph se associou a seu irmão Ernst desde 1835.⁴ Em Pernambuco, os dois se tornaram consignatários de embarcações para frete de cargas e passageiros com destino à Europa. Desde então, passaram a importar tecidos e vinhos de Hamburgo, azeites da Espanha, carne da Argentina e Uruguai, entre outras mercadorias (Diário de Pernambuco, 1830, nº 528; Diário de Pernambuco, 1831, nº 174).⁵

Entretanto, naquele mesmo ano ocorreu um fato desagradável, mas que não desanimou Adolph e nem Ernst a prosseguirem com a firma. O armazém da rua da Cruz fora roubado. Levaram dinheiro, peças de tecido (lenços, toalhas, cobertores, casaca), sapatos e bolsas. Apesar do ocorrido, os negócios prosperaram. Entre 1832 e 1835, eles mantiveram comércio com portos da Europa, importaram vários produtos e exportaram açúcar (Diário de Pernambuco, 1835, nº 148).

Adolph já estava bem afeito às instituições pernambucanas, a ponto de ter um contrato aprovado para fornecer “selins da Inglaterra” à polícia montada. Além da instituição de segurança, ele também fez negócio com o Prior do Convento do Carmo, que perdera uma ordem de pagamento de “300 mil réis, passada sobre o sr. A. Schramm, para gastos do Convento” em 1837.⁶ A inserção social da

³ Adolph (1805-1887) era filho do comerciante hamburguês Johann Gottfried Schramm (1780-1827) e de Johanna Elisabeth Gossler (1777-1850). Seus irmãos eram Thekla (1806-1827); Eduard (1809-1875); Gustav (1810-1891); Ernst (1812-1882) e Ida Schramm (1817-1826) (Familysearch.org).

⁴ Dentre os Schramm, Ernst foi o único a nascer na Suécia, em Gothenburg, Västra Götaland County, devido à invasão das tropas de Bonaparte, em 1812, na região de Hamburgo. Esse fato teria forçado o patriarca dos Schramm a se mudar, retornando logo depois com a família para a cidade hanseática (Matzke, 1988).

5 Para alguns historiadores, as cidades hanseáticas exerceram relações cosmopolitas de comércio, não apenas conectando lugares distantes, mas também interagindo com várias culturas e diversas etnias, o que possibilitou a formação de uma sociedade imperialista após a unificação germânica. Já outros historiadores, questionam se as redes que os comerciantes criaram eram realmente cosmopolitas ou apenas transnacionais ou globais, e se há um conceito claro de redes cosmopolitas na pesquisa moderna (Naranch, 2011).

⁶ Em 1837, 300 mil réis era o preço médio de um escravizado no sudeste cafeeiro (Ribeiro, 2017, p. 104).

Casa Schramm em Recife também aconteceu na esfera diplomática. As intensas transações comerciais com portos da Europa possibilitaram aos irmãos se tornarem cônsules da Sardenha e Hanover; e Ernst que nascera na Suécia, tornou-se vice-cônsul sueco. (Diário de Pernambuco, 1837, nº 207; Diário do Rio de Janeiro, 1837, nº 06; Schramm, 1964, v.2, p. 464).

As transações comerciais também ocorreram em nível interprovincial. Em 1839, por exemplo, a casa teutônica comprou da região Cotinguiba, na província de Sergipe, uma “carga de açúcar”. Ela veio embarcada no patacho espanhol Mima ao porto do Recife. Esta compra foi o início das relações com produtores sergipanos, nova fronteira comercial que iria se intensificar cada vez mais. Inclusive, neste mesmo ano, Adolph abriu a firma A. Schramm & C^a em Maruim, Sergipe. A prosperidade nos negócios em Recife possibilitou a expansão da empresa para a província sergipana (Diário de Pernambuco, 1839, nº 66).

Dessa maneira, os Schramm usaram o excedente financeiro para realizar ações em outras áreas, a exemplo do negócio da emigração de colonos germânicos para o Brasil. Assim, Adolph entrou no ramo da colonização de terras para obter lucro com a emigração de colonos germânicos para o sul do Brasil. Ele foi membro da Colonisations-Verein von 1849 in Hamburg (Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo). Que depois se tornou Associação de Promoção da Emigração Alemã para o Sul do Brasil. Ela previa a criação de colônias agrícolas nas províncias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com a emigração de milhares de colonos ao longo de vinte anos. Uma das colônias bem-sucedidas foi a Dona Francisca que deu origem à cidade de Joinville, Santa Catarina (Ferreira, 2019).

Além dos lucrativos negócios, os Schramm também fizeram atos de filantropia. Em 1842, por exemplo, Ernst doou 100 mil réis⁷ em favor das vítimas de um “grande incêndio em Hamburgo”, cidade de sua família. Outro exemplo de ação filantrópica ocorreu em 1857, quando Ernst doou dinheiro para uma peça no teatro de Santa Isabel, oferecida pelo “insigne artista” João Caetano (1808-1863), em

⁷ Em média, com 100 mil reis comprava-se 50 arrobas (cerca de 750 Kg) de açúcar branco à época.



benefício do Colégio das Órfãs do Recife (Diário de Pernambuco, 1842, nº 165; Diário de Pernambuco, 1857, nº 81).⁸

Ainda em Recife, os Schramm constituíram novas parcerias comerciais. Assim, Ernst se tornou sócio-gerente, em 1842, da firma Le Breton Schramm & C^a, na mesma rua da Cruz, mas sob o nº 55.⁹ Note-se, porém, que a empresa Schramm & C^a continuou funcionando. Talvez, a fusão com os franceses tenha fortalecido a capacidade de capitalização e investimento para enfrentarem os poderosos concorrentes britânicos.¹⁰ Mas os Schramm eram respeitados e tinham representatividade perante os comerciantes de Recife. Talvez por esta razão, Ernst se tornara membro da direção da Associação Comercial de Pernambuco, órgão que congregava a categoria na província (Diário de Pernambuco, 1851, nº 184).

Entretanto, em 1853, Ernst uniu-se aos britânicos e abriu em Recife a Schramm Whately & C^a, ampliando seu poder no mercado.¹¹ Contudo, a sociedade com os Ingleses se extinguiu em setembro de 1857. Porém, com os lucros que seu irmão mais velho, Adolph, também havia obtido no comércio de açúcar, os negócios da família Schramm estavam em bases sólidas, apesar das sérias perdas durante a recessão global de 1857 (Naranch, 2021, p. 07).

No ano seguinte, 1858, Ernst mudou completamente de vida: casou-se na Europa, logo depois passou a residir e negociar em

⁸ Um indício da vida próspera dos irmãos germânicos em Recife pode ser aferido através de um anúncio sobre o desaparecimento “do sítio do sr. Schramm, na passagem da Madalena, de um cachorro preto de raça inglesa”. A propriedade, o bairro e o cão importado são indicadores de uma vida burguesa confortável à época (Diário de Pernambuco, 1850, nº 278).

⁹ Em 1844, Le Breton Schramm & Cia. mudou-se para a rua da Alfândega Velha.

¹⁰ Segundo o ex-diretor da Colônia de Monte Alverne-RS, o escritor e viajante germânico, Oscar Canstatt (1842-1911), o Império Britânico é “o que tem um maior quinhão no comércio brasileiro” (Canstatt, 2002, p. 167). Os ingleses foram responsáveis por grande parte dos investimentos estrangeiros no Brasil durante o Segundo Reinado. Eles investiram na compra de títulos da dívida pública; no setor ferroviário; na mineração; nos serviços públicos (distribuição de água e gás) e nas empresas comerciais e financeiras. Estas últimas eram as principais áreas de atuação dos Schramm. (Gomes, 2022, p. 125).

¹¹ Por serem cosmopolitas, Ernst e Adolph se comunicavam em várias línguas. Ernst em inglês, português e francês. E seu irmão Adolph viajou por vários países, possuía rica biblioteca e se comunicava em português, inglês, francês, italiano e espanhol (Schramm, 1964, v.2, p. 210 e 252; Naranch, 2021, p. 17).

Sergipe; como fizera seu irmão Adolph desde 1839. É o que vamos examinar nas próximas seções.

2. Os Schramm na Província de Sergipe

A cidade de Maruim, onde os Schramm se estabeleceram, era o centro produtor e comercial da zona canavieira do rio Cotingui-ba, na província de Sergipe, no século XIX. Entretanto, à época, os proprietários de terra dependiam da exportação portuária e dos financiamentos dos empresários baianos. Foi nessa lacuna de dependência do mercado local, em relação à Bahia, que os Schramm investiram por décadas (Almeida, 1984).

Vindo do Recife, Adolph abriu sua firma em Maruim no ano de 1839, conforme nota de protesto por ele mesmo publicada num jornal da Corte contra funcionários da Alfândega de Laranjeiras.¹² Tais funcionários teriam aplicado multa indevida ao brigue hamburguês Bothmann, fretado por Schramm. Em uma nota publicada em agosto de 1843, Adolph declarou que sua Casa “está estabelecida em Sergipe há quatro anos” (Jornal do Comércio, 1843, nº 226).¹³ Desde então, os Schramm obtiveram fortuna e relativo poder já nos primeiros anos de empreendimento em Sergipe.

Numa carta de 1846, por exemplo, enviada ao velho amigo Karl Sieveking (1787-1847), diplomata e síndico de Hamburgo, Adolph escreveu: “Aqui [em Sergipe] nessa província abandonada represento o progresso e, como chefe da única casa estrangeira e maior fortuna local, gozo de não insignificante influência”. O primogênito dos Schramm permaneceu no Brasil até 1848. A partir de então, seu irmão Ernst se tornou o “chefe da firma no país quando do regresso de Adolph à Alemanha” (Schramm, 1964, v.2, p. 460; Campos, 1974, p. 163 e 223).

¹² Maruim e Laranjeiras eram cidades que ficavam próximas aos engenhos produtores de cana de açúcar em Sergipe, província vizinha da Bahia, principal porto de exportação dos produtos sergipanos.

¹³ Eram comuns reclamações de comerciantes europeus contra altas taxas e negligência de funcionários das Alfândegas. Segundo o viajante alemão Oscar Canstatt (1842-1911), que viveu no Brasil por muitos anos, “o negociante atormentado perde a compostura e a paciência e ouve-se praguejar em todas as línguas contra o sistema aduaneiro brasileiro que zomba de todo o bom senso” (Canstatt, 2002, p. 187).



Na pequena província, assim como ocorreu em Recife-PE, a A. Schramm & C^a passou a ter relações de negócio junto aos órgãos da fazenda e comerciantes locais. Em 1848, por exemplo, ela forneceu madeiras para obras da Atalaia da Cotinguiba e da ponte do Açougue na cidade de Laranjeiras, contratadas pelo engenheiro Bloem (1798-1851), então diretor de obras públicas.¹⁴ E um outro indício de forte relação da empresa hamburguesa junto aos comerciantes sergipanos é a oferta que A. Schramm & C^a fez, em 1852, à Fazenda Provincial de “letras aceitas e endossadas por diversos proprietários residentes nesta província [de Sergipe] para pagamento da quantia de 19:350\$090 [19 contos, 350 mil e 90 réis]” (Correio Sergipense, 1848, nº 51; Idem, 1852, nº 30).¹⁵

Como vimos, em poucos anos os Schramm se consolidaram no mercado sergipano. Talvez por isso, eles incomodaram interesses locais, e dessa forma foram acusados anonimamente de tentar monopolizar a incorporação da companhia de reboque a vapor na barra do Cotinguiba. A rebocagem por navio a vapor era de suma importância para auxiliar, sobretudo, o setor açucareiro, minimizando encalhes e naufrágios, evitando prejuízos à Fazenda, à lavoura e ao comércio. Entretanto, para fugir ao monopólio estrangeiro, foi formada a Associação Sergipense, sociedade de empresários criada em 1854, iniciando os trabalhos de reboque de embarcações no rio Cotinguiba em 1856 (Correio Sergipense, 1855, nº 07; Travassos, 2004, p. 59).¹⁶

Outra prova da força comercial da casa teutônica em Sergipe, é que para realizar o comércio de exportação/importação, a A.

¹⁴ João ou Hans Bloem nasceu em Krefeld, Prússia, era engenheiro militar e foi enviado pelo Imperador a Sergipe em 1844, dirigindo obras públicas até 1848. Serviu em Salvador-BA também na diretoria de obras, até 1850. Em fevereiro de 1851, o prussiano foi designado para o Rio Grande Sul. Suicidou-se dois meses depois em Porto Alegre. Sobre a trajetória de Bloem no Brasil, ver: Cardoso, 2023.

¹⁵ Em 1852, com 19:350\$090 comprava-se em média cerca de 27 cativos no Brasil (Gomes, 2022, p. 366).

¹⁶ O rio Sergipe era denominado de Cotinguiba. A partir de 1925, o Instituto Histórico e Geográfico aprovou estudo de Elias Montalvão, definindo que o rio que banha Aracaju é o Sergipe, enquanto o Cotinguiba é seu principal afluente. Porém, manteremos aqui o antigo topônimo do século XIX, Cotinguiba, para designar a barra e o rio da capital da província (Montalvão, 1925, p. 31-35).

Schramm & C^a mantinha trapiches nos principais portos das zonas açucareiras: em Maruim, trapiches Grande e Dois de Julho; em Laranjeiras, trapiche Quaresma; em Japarutuba, trapiche Magalhães; em Aracaju, trapiche Melo; no rio Cotinguiba, trapiches Sant'Ana, Santa Maria, Vitória e Maior.¹⁷ Essa rede de depósitos nos pontos de embarque do açúcar expressava o crescente poder mercantil da casa germânica no comércio agroexportador regional. Um indício desse poder é que, conforme nota de um jornal da Corte em 1855, a Casa dos Schramm foi a primeira a atrair o comércio direto à barra do Cotinguiba, causando “ódios” à praça da Bahia (Correio Mercantil, 1855, nº 156; A Reforma, 1888, nº 90).

Mas os negócios dos Schramm em Sergipe também eram controlados pelo primogênito desde a Europa. Assim, morando no velho continente desde 1848, Adolph casou-se em Londres com a católica Emília Maria Scholtz Caravaca (1835-1908), nascida em Málaga (Andaluzia, sul da Espanha), filha de pai germânico e mãe andaluza. Desde então o casal passou a viver em Hamburgo. E da cidade hanseática, Adolph dirigia os negócios da A. Schramm & C^a (Schramm, 1964, v.2, p. 255)¹⁸. Dez anos depois, seu irmão Ernst também se casaria e assumiria a firma em Sergipe, auxiliado por sócios e colaboradores. É o que veremos a seguir.

3. Alegrias e Tristezas de um Casal em Maruim

Depois de Adolph, foi a vez de seu irmão vir de Pernambuco para Sergipe. Em setembro de 1857, Ernst desfez a firma Schramm Whately & C^a, em Recife, da qual era sócio gerente. No mês seguinte, ele chegou em Maruim e se juntou a outros sócios para gerenciar a A. Schramm & C^a (Diário de Pernambuco, 1857, nº 247).

O ano seguinte, 1858, foi marcante para Ernst. Ele pretendia se casar, e partiu com este intuito para Europa. Então com 46 anos,

¹⁷ Em 1856, o presidente da província, Salvador Correia de Sá e Benevides (1826-1863), visitou o “belo trapiche” dos Schramm, no povoado de Porto das Redes, às margens do rio Cotinguiba (Correio Sergipense, 1856, nº 34).

¹⁸ Adolph e Emília tiveram 05 filhos: Emilio Adolph Gottfried (1862-1924); Maria Isabel Franciska (1864-1888); Adolf Heinrich (1865-?); Clemencia Dorothea (1868-1968) e Agnes Ida (1875-1941). (Family Search.org).



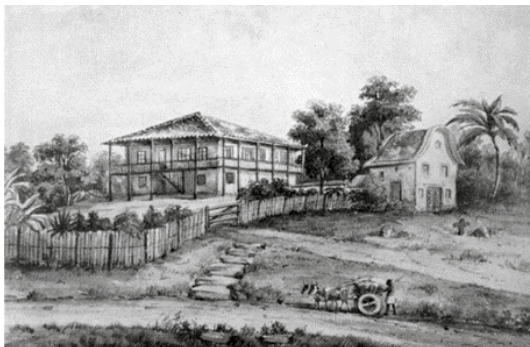
após duas tentativas frustradas, ele finalmente encontrara uma noiva e retornara para o Brasil casado com Emma Adolphine Jencquel, 32 anos, de proeminente família de comerciantes hamburgueses. O matrimônio ocorreu em setembro, e em dezembro o casal chegou em Sergipe, depois de passar por Paris, Londres e Salvador. Ernst e Adolphine Schramm residiram num sobrado em Maruim, vizinho à capela da Boa Hora. Ela achou a casa uma “verdadeira joia” e a mobília, harmoniosa com o clima (Schramm, 1964, v. 2, p. 203).¹⁹

Em Maruim, os Schramm reuniram uma “pequena colônia” teutônica, a exemplo das famílias dos sócios Gültzow; Wylie e Winter. Este último fechava as vendas e supervisionava o embarque das mercadorias, e estava no Brasil desde 1837. Havia também a família do sr. Busch, contador desde 1854; e a do sr. Wiedemann, caixa da empresa desde 1844.²⁰

Ernst, apesar de ser um próspero empresário, parecia desfrutar menos de sua vida em Maruim do que na Alemanha, porque em Sergipe não havia opções de lazer e consumo para um burguês europeu, como livrarias, teatros, restaurantes e cafés. Por isso, o trabalho consumia quase todo seu dia. Assim, antes de despachar mercadorias, escreveu Adolphine, “Ernst vai às sete horas da manhã para o escritório e só volta às sete da noite para tomar banho e jantar”. Era preciso “ser prático e de muito conhecimento” para ter valor num meio acanhado como Maruim, ponderou (Schramm, 1964, v.2, p. 210-211).

¹⁹ Durante o tempo em que Adolphine viveu em Maruim, ela escreveu cartas a parentes e a uma amiga em Hamburgo. Tais missivas foram publicadas por seu neto, o historiador alemão Percy Ernst Schramm (1894–1970), na obra **Neun Generationen: Dreihundert Jahre deutscher Kulturgeschichte im Lichte der Schicksale einer Hamburger Bürgerfamilie** (1648–1948). Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1964, 2 v. p. 200-234. As cartas de Adolphine revelam seus sentimentos, angústias e alegrias; além da paisagem, habitantes, costumes e o cotidiano de Maruim. Ela também fala sobre escravidão, negócios do marido, a partir do viés de uma mulher teuto-luterana. Algumas cartas foram vertidas para o português na obra: Schramm, Adolphine. **Cartas de Maruim**. Tradução: José Edgar da Mota Freitas. São Cristóvão: UFS/NUCA, 1991. 39 p.

²⁰ Nascimento (2006, p. 159) identificou os seguintes imigrantes teutônicos em Maruim, contemporâneos dos Schramm: Peter Heinrich Holtermann, chegou em 1840 de Hamburgo; Johann Heinrich Winter, chegou em 1841 de Hannover; Gustav Wiesdesmann (sic), chegou em 1847; Henrismann Kotsch, chegou em 1849 de Hannover.

Fig. 1 – Casa de Ernst e Adolphine. Maruim, Sergipe, Brasil. 1860.

Fonte: Schramm, Percy. *Neun Generationen*. 1964, v. 2.21

Neste contexto, uma das poucas diversões do casal era jogar whist²² com as famílias dos demais sócios. Outra opção eram os passeios noturnos a pé pelas ruas de Maruim, e os passeios a cavalo no estio; além das leituras de jornais e livros nas horas de ócio. Para manter as leituras, o casal encomendou “uma seleção de livros interessantes”. Desse modo, Adolphine criou uma pequena biblioteca, com direito a empréstimo aos conterrâneos germânicos. Mas a senhora Schramm era rigorosa: “o livro tomado emprestado deve sempre ser devolvido para receber outro da minha mão”, asseverou à cunhada (Schramm, 1964, v.2. p. 213-219).

Para cuidar do sobrado e suas benfeitorias, o casal Schramm convivia com alguns empregados. Em suas cartas, Adolphine cita duas serviçais alemãs, uma delas se chamava Johanna. Quanto aos escravizados, tinha Manuel, que possuía habilidades de cirurgião. Ele havia extraído, por exemplo, as pústulas dos bichos de pé da senhora Schramm. Ainda tinha Vitório, um cativo “disposto e bom”. E por fim, Bento, um “perfeito cozinheiro”, escreveu a hamburguesa (Schramm, 1964, v.2, p. 209-214).

²¹ Aquarela de Adolphine Schramm. Ela também pintou outra aquarela mostrando a vista parcial de Maruim, publicada no livro de seu neto, o historiador Percy Schramm (1964, v.2).

²² Whist (Uíste, em português), foi um jogo muito difundido no século XVIII, e especialmente no XIX, com um baralho de 52 cartas, dividido equitativamente por quatro jogadores (duas duplas). O objetivo era vencer a maioria de treze vazas em uma mão e marcar pontos. Há no jogo um naipe curinga, que é sempre maior que as outras cartas (Houaiss, 2002).

Por vezes, o casal recebia hóspedes no sobrado. Em maio de 1859, por exemplo, Adolphine e Ernst hospedaram por dois dias o médico e viajante Robert Avé-Lallemant.²³ Depois de conhecer o estabelecimento comercial, Avé-Lallemant foi até a “casa de campo” do casal Schramm; “uma família alemã da melhor educação”, afirmou. No sobrado de Maruim, o viajante encontrou um acolhimento “restaurador”, cuja “nobreza e distinção” de Adolphine lhe chamaram a atenção. Pois o hóspede havia chegado há pouco de uma “fatigante excursão às cataratas de Paulo Afonso”, no sertão sanfranciscano (Avé-Lallemant, 1980, p. 316-334; Schramm, 1964, v.2, p. 215).

Por coincidência, no ano anterior, 1858, e ainda solteiro, Ernst também fez uma viagem até aquelas quedas d’água no sertão da Bahia. A viagem de ida e volta, de Maruim a Paulo Afonso, durou duas semanas. Ernst, um amigo e dois escravizados partiram a cavalo até Propriá. Daí, alugaram um veleiro e atravessaram o rio para Alagoas. Continuaram cavalgando até o “magnífico cenário” das cachoeiras. Ao longo do trajeto, foram acolhidos por sitiantes, pois não havia hospedaria. Eles dormiram em redes, e como provisão comeram carne do sol, pães, sardinhas e chá. Ernst, assim como Avé-Lallemant, ficou deslumbrado com a imponência da cachoeira do rio São Francisco, valendo a pena todos os sacrifícios da viagem, relatou (Schramm, 1964, v. 2, p. 199-201).

Voltemos ao sobrado hamburguês de Maruim. No ano seguinte, Adolphine e Ernst providenciaram a chegada de um herdeiro, com a primeira gravidez de Adolphine. Entretanto, infelizmente, ela deu à luz uma menina natimorta em dezembro de 1859. A senhora Schramm viu a morte próxima ao sofrer, por 24 horas, as dores do parto. Esse revés a marcou “indelevelmente”, confessou a uma amiga (Schramm, 1964, v. 2, p. 217).

Mesmo ainda preocupado com o estado delicado e de convalescença da esposa, Ernst esteve envolvido na recepção em Maruim de

²³ Robert Christian Barthold Avé-Lallemant nasceu em Lübeck em 1812. Veio ao Brasil em 1836, casou-se e se estabeleceu como médico na Corte. Foi membro da Academia Nacional de Medicina, em 1846. Viajou pelo país entre 1858 e 1859, incentivado pelo amigo viajante e polímata, Alexander von Humboldt (1769-1859). Em seguida, Avé-Lallemant retornou à Alemanha, falecendo na terra natal em outubro de 1884 (<https://www.anm.org.br>).



Suas Majestades Imperiais, D. Pedro II (1825-1891) e Tereza Cristina (1822-1889), em janeiro de 1860. A empresa dos Schramm construiu o cais de desembarque para os ilustres visitantes e financiou o concerto da estrada de acesso. Assim, devido ao seu empenho na preparação da recepção, Ernst recebeu a Comenda da Imperial Ordem da Rosa²⁴ (Schramm, 1964, v. 2, p. 218).

No ano seguinte, 1861, nova esperança de um herdeiro. Assim, em 09 de outubro, Adolphine deu à luz um menino saudável, de nome Max. Meses após o parto, a dama hamburguesa se sentia “monstruosa” porque estava acima de seu peso e muito pálida, confessou à cunhada. Estava também tristonha pela distância dos parentes e da terra natal. Por isso, seus amigos em Maruim diziam que ela era um “passarinho numa gaiola dourada” (Schramm, 1964, v. 2, p. 223).

Em 1863, quando Max estava com apenas um ano e meio, Adolphine engravidou pela terceira vez. Contudo, um surto de cólera-morbo grassou em Maruim e apesar de tomar todos os cuidados para que os cativos ficassem protegidos, Adolphine foi acometida pela epidemia. Os primeiros sinais da doença apareceram em 08 de abril: febre alta, diarreia e desidratação extrema.

Diante desse quadro, em 09 de abril de 1863 Adolphine, pela segunda vez, deu à luz uma menina natimorta. Dois dias depois, 11 de abril, às 05 horas da manhã, após crises prolongadas de delírio, ela faleceu ao lado do médico e do marido. Morreu após aborto espontâneo, complicado pelos sintomas do cólera. Sendo luterana, não foi sepultada em um cemitério católico. Ernst construiu sepultura para a esposa nos fundos do sobrado.²⁵

Em 1866, Ernst resolveu retornar para Hamburgo com seu filho Max, então com cinco anos. Conforme os desejos da finada, o viú-

²⁴ A Ordem da Rosa foi uma ordem honorífica brasileira, criada em 1829, que premiava militares e civis, nacionais e estrangeiros, distinguidos por sua fidelidade à pessoa do Imperador e por serviços prestados ao Estado, titulando-os com seis categorias hierárquicas: cavaleiro, oficial, comendador, dignitário, grande dignitário e grão-cruz (Silva, 2011).

²⁵ Dois telegramas foram enviados à Europa, nos dias 17 e 21 de abril de 1863, para Adolph Schramm avisar aos parentes sobre a morte de Adolphine. O primeiro, postado por seu marido; e o segundo pelo sócio, sr. Wylie (Schramm, 1964, v. 2, p. 225). Pouco mais de um mês após a morte de Adolphine, Ernst foi nomeado membro da comissão do distrito médico contra o cólera em Maruim (Correio Sergipense, 1863, nº 38).



vo investiu na educação do menino, e libertou seus escravos antes de liquidar alguns ativos da empresa. Apesar da tragédia familiar, a firma hamburguesa continuou a operar. Mas agora sob a direção de novos parentes. (Schramm, 1964, v. 2, p. 225-231; Naranch, 2011, p. 100-101).²⁶

4. *A Casa A. Schramm & C^a sob o Consulado de Otto.*

Adolph, como vimos, retornou para Europa em 1848. Já Ernst e Max retornaram para Hamburgo em 1866. Deste ano em diante, a A. Schramm & C^a no Brasil seria gerenciada pelo sobrinho Otto, que veio residir em Maruim e substituir os tios na direção dos negócios, auxiliado pelo primo Henrique (Heirinch).²⁷ Otto e Henrique deram continuidade à dinâmica comercial da empresa. Em um ano de boa safra, por exemplo, a casa hamburguesa sob o novo comando chegou a exportar diretamente, apenas para o norte da Europa, cerca de “12 mil caixas de açúcar!”. Sem contar a exportação de algodão. Aliás, a melhor máquina a vapor de descaroçar algodão era a de A. Schramm & C^a. Ela descaroçava diariamente 600 arrobas [09 mil kg] de algodão.

Ademais, como forma de ampliar sua representatividade comercial em Sergipe, Otto se tornou cônsul do Império Alemão, logo após a unificação política que levou ao surgimento da Alemanha como estado-nação em 1871, ampliando o poder dos Schramm perante o comércio local com a Europa. Seu primo Henrique era agente consular de Otto em Aracaju. Henrique também se tornaria vice-cônsul da Suécia

²⁶ O filho de Ernst e Adolphine, nascido em Maruim, Max Schramm (1861-1928), se casou na Alemanha com a filha de outra bem sucedida família de comerciantes. Max se tornou advogado e senador de Hamburgo em 1912, e depois prefeito entre 1925 e 1928. Ele foi amigo do famoso historiador de arte Aby Warburg (1866-1929), que influenciou a formação de um de seus filhos, Percy Ernst Schramm (1894-1970), neto de Adolphine e Ernst. Percy se tornaria um reconhecido historiador germânico e professor emérito de História Moderna e Medieval da Universidade de Göttingen (Sorensen, Lee [website]; Naranch, 2011, p. 101-102).

²⁷ Franz Otto Schramm (1842-1911) nasceu em Hamburgo e era filho de um dos irmãos de Adolph e Ernst, Eduard Schramm (1809-1875). Este casou-se com Mirna von der Meden (1809-1871), mãe de Otto. Já Henrique (Heinrich) Adolpho (1841-1916) era filho de Gustav Schramm (1810-1891) e Catharina Luise Cords (1818-1896). Seu pai, Gustav, era irmão de Eduard, Adolph e Ernst, e tio de Otto (Family Search.org).

e Noruega, e vice-cônsul dos Países Baixos (O Conservador, 1871, nº 185; O Americano, 1876, nº 47; Jornal do Aracaju, 1875, nº 587).²⁸

Portanto, devido a seu poder financeiro e comercial, os Schramm exerciam certo monopólio junto aos produtores sergipanos, na medida em que compravam a safra “por pagamento de valores adiantados”, capitalizando lavradores e impedindo a formação de concorrentes numa província sem bancos ou casas de crédito (Cardoso Júnior, 1870, p. 50; Veiga, 1869, p. 65).

Neste contexto, alguns proprietários de terra e engenho, que hipotecaram seus bens para adquirir crédito, passaram a dever a A. Schramm & C^a. Exemplo disso foi o requerimento dos Schramm em 1874, perante o juiz municipal, protestando como credores exequentes o pagamento de direitos sobre hipotecas vencidas dos Engenhos Tanque do Moura e Massapê, além de escravos, contra os herdeiros de Felipe de Faro Mota, morto em setembro de 1871.

A viúva, Maria da Glória de Faro Jurema, e mais um herdeiro, não reconheciam as dívidas requeridas em sentenças arbitradas pelo Tribunal da Bahia. Conforme os suplicantes, ela estaria “defraudando” bens do inventário, penhorados à A. Schramm e C^a, vendendo-os a seu genro, Gonçalo d’Aguiar Boto de Menezes, por escritura pública.

Ainda conforme os suplicantes, a senhora Maria da Glória passou a residir no engenho Tanque do Moura, “há dois anos abandonado”, fazendo benfeitorias neste bem em questão, com o intuito de alegar “embargos de retenção por benfeitorias, recurso suspensivo da execução”. Por isso, a A. Schramm & C^a lavrou protesto para intimar aos suplicados que se abstivessem de fazer as benfeitorias. Não foi possível acompanhar o desfecho deste caso, mas a dívida requerida aos herdeiros era de 60 contos de réis (Jornal do Aracaju, 1874, nº 462; Almeida, 1993, p. 287).²⁹

²⁸ Henrique se casou em 1866, no Rio de Janeiro, com a gaúcha Laudemires Cavalcante de Albuquerque. Após o casamento, ele veio com a esposa morar em Aracaju. Nesta capital, Laudemires se tornou membro da comissão protetora do Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Pureza (Brasil, 1866, p. 114; Jornal do Aracaju, 1872, nº 289).

²⁹ Em 1874, sessenta contos de réis (60:000\$000) daria para comprar cerca de 40 escravizados em média, quando os preços triplicaram após a proibição do tráfico de africanos em 1850 (Gomes, 2022, p. 366).



Outro caso exemplar de endividamento de proprietário com os Schramm foi o de Sebastião Gaspar de Almeida Boto (1802-1884), senhor do engenho Lombada. Ele acumulou e rolou dívidas por vários anos. Ao morrer, a maior parte de suas dívidas estava nas mãos de A. Schramm & C^a, em um montante de 43:586\$000 (43 contos e 586 mil réis), ou seja, “mais da metade do valor do engenho” (Almeida, 1993, p. 288).

O empresário e cônsul Otto residia em Maruim, sede da firma e do consulado. E Henrique morava com a esposa numa casa alugada que pertencia a A. Schramm & C^a, em Aracaju, na rua da Aurora, à margem do rio Cotinguiba. Nos anos seguintes, Henrique passou também a empreender em outros negócios, tornando-se acionista da Companhia de Navegação a Vapor Cotinguiba, que fazia viagens entre Aracaju, Maruim e Laranjeiras. Ele e Otto foram membros fundadores da Associação Comercial de Sergipe, como importantes representantes da categoria (Jornal do Aracaju, 1876, n^o 760; Idem, 1877, n^o 793).

Sem dúvida, como negociantes de grosso calibre, um dos esforços dos primos Schramm era com a melhoria da produtividade e modernização dos engenhos para alcançar um maior índice de exportação. Pensando nisso, a A. Schramm & C^a acolheu em 1878, em Maruim, o engenheiro mecânico alemão Theodoro Jungelaussen para assentar e consertar máquinas dos engenhos a vapor, turbinas e caldeiras de todos os sistemas, para melhoramento da produção sacarina (Jornal do Aracaju, 1878, n^o 962).³⁰

Como resultado desses investimentos em melhorias tecnológicas, da inversão do capital comercial e financeiro, a exemplo de empréstimos aos produtores com aumento do índice de exportação, a firma dos Schramm era de longe a casa comercial mais expressiva de Sergipe nas últimas décadas do século XIX. Um exemplo comparativo pode ser dado através da nota de açúcar comprado na sa-

³⁰ Segundo Almeida (1994, p. 164), o índice percentual de produção de açúcar em Sergipe dobrou entre os anos de 1870 e 1878. Supomos que a introdução de máquinas a vapor nos engenhos tenha, em parte, contribuído para este aumento. Pois em 1871 Sergipe possuía pouco mais de 40 engenhos a vapor e em 1881 saltou para 163 movidos a vapor, num total de 724 unidades produtivas, ou seja, 22,5% do total de engenhos eram a vapor em Sergipe no fim do século XIX (Almeida, 1984, p. 184; Subrinho, 2000, p. 216).

fra de 1880 a 1881 para exportação: a casa dos Schramm comprou 175.500 sacas de açúcar. Enquanto a casa de seu maior concorrente, João Rodrigues da Cruz, comprou apenas 14.500 sacas. O poder de compra dos Schramm, em relação à concorrência, era muito maior. Assim, foi possível à empresa investir capital financeiro em bens simbólicos, ou seja, em capital cultural (Bueno, 1881).

4.1 Os Schramm e os Investimentos Culturais

Além de contribuir para um melhor desempenho econômico e aumento da exportação do açúcar, os Schramm também investiram na área cultural (esporte, lazer, leitura, música sacra e arte plástica). Neste sentido, no campo de esporte e lazer, Otto e Henrique investiram no desporto náutico. Eles ajudaram a criar o Club de Regatas de Aracaju, em abril de 1874. Porém, as competições já eram organizadas desde 1872. Henrique Schramm, além de ser tesoureiro do clube, também competia. O Club de Regatas patrocinou disputas a vela e a remo ao menos até 1876.

No dia 14 de julho de 1872, por exemplo, Otto foi um dos juízes e promotor da primeira regata. O evento contou com banda de música, para tocar na saída e na chegada dos competidores. Na oportunidade, o presidente da província assistiu ao certame e entregou prêmios. Disputaram botes, escaleres e saveiros, tanto a remo quanto a vela. A saída foi da ponte do trapiche Schramm até a ponte do Imperador, direção norte-sul do rio Cotinguiba, em Aracaju.³¹ Ademais, esses “divertimentos” eram disputados por sócios dos Schramm e por comandantes de navios estrangeiros ancorados no porto (Jornal do Aracaju, 1872, nº 290; Idem, 1874, nº 472; Idem, 1876, nº 760).

Outro exemplo de investimento dos Schramm no campo cultural, mais especificamente em livros e leitura, ocorreu em 19 de agosto de 1877, com a fundação do Gabinete de Leitura de Maruim, cujo um dos sócios beneméritos foi Otto Schramm. Conforme artigo 1º do Estatuto, a entidade destinava-se a “criar uma biblioteca de

³¹ Trajeto que hoje corresponderia desde o cais em frente aos mercados municipais à ponte do Imperador no centro de Aracaju-SE. Percurso de cerca de 500 metros.



obras escolhidas para a instrução e recreio dos sócios” (Silva, 2020, p. 253-256).³²

Além dos investimentos no desporto náutico, na leitura e nos livros, outro ato de inversão no campo cultural, mais precisamente nos âmbitos musical e religioso, ocorreu quando Otto, de formação luterana, doou à igreja católica de Maruim um relógio, um sino e um “magnífico” órgão de tubos. O órgão chegou de Hamburgo ao porto de Aracaju, em maio de 1880. Numa nota de jornal assinada pelos “habitantes de Maruim agradecidos”, lia-se que o instrumento era “de construção bastante sólida, e feito com primor de arte”. O órgão de tubo, segundo um jornal da época, tinha “oito registros e um pedal livre”. Todos os seus canudos eram de metal, e a caixa era “toda de carvalho repassado em verniz inatacável pelos insetos. Seu som era maviosíssimo”. Otto também trouxe de Hamburgo, a suas expensas, o músico e artesão fabricante do órgão, o senhor Ch. H. Wolfsteller (Gazeta do Aracaju, 1880, nº 59, p. 02).³³

Assim, em 18 de julho de 1880, um domingo, o instrumento doado foi inaugurado na igreja matriz de Maruim. No final da missa cantada, o senhor Wolfsteller desempenhou no órgão de sua fatura algumas peças “especialmente escolhidas do seu repertório, que profundamente agradou aos ouvintes”. Houve discursos de agradecimento, a igreja estava bem iluminada, e lá fora girândolas “atroaram os ares”. Mas antes da solenidade religiosa, às 16 horas, Otto Schramm ofereceu aos seus “numerosos amigos um profuso toast [lanche]”, em que houve “ovações e brindes” acompanhados por duas bandas de música (Jornal de Sergipe, 1880; nº 43; nº 65 e nº 69).

Devido às doações à igreja (sino, relógio e órgão) e ao apoio para inauguração do Gabinete de Leitura, além de outros atos de filantropia, Franz Otto Schramm tornou-se um “mecenaz” da cidade de Maruim. Ele ajudou, por exemplo, ao artista plástico maruinense, Oséas Santos (1865-1949), e a sua família, quando o ainda estudante

³² O Gabinete de Leitura de Maruim foi reconhecido como Associação de utilidade pública conforme Decreto Legislativo Federal nº 3.776, de 1º de outubro de 1919, proposta do deputado federal maruinense Deodato Maia (1875-1941).

³³ Apesar das doações à igreja católica, o cônsul alemão era “sectário do protestantismo” (Gazeta do Aracaju, 1880, nº 59).

de pintura em Salvador-BA ficou órfão do pai em 1881. O falecido pai do pintor era arrimo da família e guarda-livros da A. Schramm & C^a. Assim, o jovem Oséas foi obrigado a retornar a Maruim e teve de levantar dinheiro para a mãe e duas irmãs. Desta forma, ele pintou sua primeira tela e a vendeu para o patrão de seu pai, Otto Schramm, que pagou pela obra uma quantia muito alta, somente para ajudar o artista-estudante. Além disso, a Schramm & C^a passou a pagar “uma pequena pensão” à viúva, mãe de Oséas (Santos, 1965, p. 141).

Aliado ao poder econômico, esse “mecenato” ampliou o prestígio social do cônsul alemão, adquirido por investimentos no desporto náutico, na leitura, na música sacra e na fé católica. Com isto, como afirmou um articulista à época, a memória de Otto Schramm ficaria “eternizada em Maruim” (Gazeta do Aracaju, 1880, nº 59).

Um outro indício de que o empresário alemão, Otto Schramm, era uma referência segura e gozava de grande prestígio, pode ser verificada no agradecimento que o famoso engenheiro norte americano, Milnor Roberts (1810-1881), lhe fez em um relatório publicado sobre as condições do porto e da navegação em Maruim. Otto foi seu único informante na cidade, e um dos três na província, junto com o presidente e o capitão do porto (Sergipe, 1881, nº 24).³⁴

Além de Pernambuco e Sergipe, os Schramm também empreenderam na província da Bahia. É o que veremos a seguir.

5. Os Schramm na Bahia

Vimos que de 1831 a 1858, os Schramm negociaram em Pernambuco. E que desde 1839, em Sergipe, especificamente em Maruim, se instalou a sede empresarial da firma. Porém, eles também possuíam participações como sócios, acionistas ou agentes de empresas com sede em Salvador, Bahia.

³⁴ William Milnor Roberts foi um dos mais antigos e ativos engenheiros dos Estados Unidos. De 1857 a 1865, ele foi responsável pela construção da Ferrovia D. Pedro II no Brasil. Após seu retorno aos Estados Unidos, Roberts foi contratado para importantes obras hidráulicas e ferroviárias, como a melhoria dos rios Ohio e Mississippi. Em 1879, ele aceitou nomeação para dirigir a melhoria dos portos e rios brasileiros. Roberts morreu de febre tifoide no Brasil, em 14 de julho de 1881, seis meses após passar por Sergipe (Scott, 2010).



Na Bahia, os Schramm eram sócios, desde a década de 1860, da firma Schramm Wylie & C^a, funcionando na rua Direita do Commercio, nº 42, em Salvador. Essa empresa era agente da Companhia Sul-Americana de Navios a Vapor de Hamburgo, para fretes de mercadorias e passageiros; bem como do Banco Teuto-Brasileiro, sediado no Rio de Janeiro. Eles também atuavam no comércio de exportação e importação de diversos gêneros entre o Brasil e Europa (Almanak, 1862, p. 355; Correio da Bahia, 1872, nº 53; Jornal do Commercio, 1873, nº 302; Correio da Bahia, 1876, nº 212).³⁵

A partir de outubro de 1882, os Schramm formaram nova firma em Salvador. Assim, a Schramm Wylie & C^a foi desfeita e surgiu a nova razão, Schramm Stade & C^a, com seu antigo sócio solidário C. Th. Stade, no mesmo ramo comercial, mas em outro endereço, rua Nova das Princesas, nº 20, 1º andar. Nessa nova fase, tornaram-se também consignatários dos vapores da Lloyd Austro-Húngaro de Trieste. (Diário da Bahia, 1882, nº 247; Idem, 1889, nº 56; Jornal de Notícias, 1892, nº 3.752).

Até início do século XX, a Schramm Stade & C^a agenciava passagens para o exterior, além de exportar gêneros agrícolas, como cacau e fumo. Entretanto, em 15 de março de 1904, a sociedade foi dissolvida e extinta a firma, devido ao falecimento do sócio C. Th. Stade e à saída dos negócios de Franz Otto Schramm. A nova firma ficou com os novos sócios, o sr. C. W. Domschke e Fr. Franzen, que deram continuidade aos seus antecessores, e “tomando a si o ativo e passivo da sociedade extinta”, sob a razão de Domschke & C^a. (Diário da Bahia, 1889, nº 163; Correio do Brazil, 1903, nº 40).

Apesar da expansão dos negócios para a Bahia, a Schramm & C^a passou por um processo de extinção no Brasil. Assim, no próximo tópico, apresentaremos os motivos do fim das empresas Schramm no país.

³⁵ Em 1877 e 1878, a Schramm Wylie e A. Schramm perderam, respectivamente, dois sócios: Christóvão Retberg e Adolpho Laué Junior (voltou com a família à Europa). Ficando apenas os sócios das duas firmas: os senhores Adolph Schramm, C. Th Stade, Franz Otto Schramm, Johann Gottfried Schramm (nascido em 1854, era primo de Otto, filho de seu tio Gustav), C. Domschke, Fr. Franzen e Luiz da Costa Schmidt (Correio da Bahia, 1877, nº 228; Correio da Bahia, 1878, nº 232; Jornal do Aracaju, 1878, n. 948).



6. O desmonte da Schramm & C^a no Brasil

Na década de 1880, quatro fatos marcaram o início de um desmonte paulatino dos negócios da Schramm & C^a no Brasil. O primeiro deles é a saída da sociedade do primogênito da família em outubro de 1882, Adolph Schramm, que há muito comandava a empresa desde Hamburgo. Sua retirada foi justificada “em virtude da sua idade avançada”. Ele foi substituído pelo antigo sócio C. Th. Stade, que também dirigia os negócios desde Hamburgo (Gazeta do Aracaju, 1882, nº 172; Sergipe, 1882, nº 115).

O segundo fato que denuncia a gradual saída dos Schramm do Brasil, com a respectiva extinção das empresas, é a venda sucessiva de imóveis próprios ou fruto de hipotecas.³⁶ A casa da rua da Aurora, por exemplo, próximo ao trapiche dos Schramm em Aracaju, e um terreno vizinho foram vendidos em 1879. E entre 1881 e 1887, foram colocados à venda quatro engenhos, com suas terras e benfeitorias: engenhos Jardim (1881); Mulungu (1882); Tabuleiro Largo (movido a vapor, 1884); Alecrim Novo (a vapor, 1887). (Jornal de Sergipe, 1879, nº 72; Gazeta do Aracaju, 1881; Echo Liberal, 1882, nº 41; A Reforma, 1884, nº 29; A Reforma, 1887, nº 22).

A terceira ocorrência que promoveu o fim dos negócios dos Schramm no país foi a morte de Adolph e Ernst Schramm, além da saída de outros parentes e/ou sócios da empresa. Ernst faleceu em 20 de julho de 1882, em Hamburgo, Alemanha, com 70 anos. Adolph, o primogênito, morreu em 20 de outubro de 1887, também em Hamburgo, com 82 anos.

Com a saída e a morte de Adolph, as razões sociais de A. Schramm & C^a (Maruim) e Schramm Wylie & C^a (Salvador) deixaram de existir, e passaram a ser Schramm & C^a (Maruim) e Schramm Stade & C^a (Salvador). Em abril de 1889, o jovem sócio Johann Gottfried Schramm, homônimo de seu avô, primo de Otto e sobrinho de Adolph, saiu da sociedade das duas casas comerciais, em Sergipe e

³⁶ No século XIX, foram permitidas as execuções de hipotecas de indústrias do açúcar. Mas os credores eram obrigados a ficar com os imóveis (engenho e terras) hipotecados, e ter de tornar-se um proprietário contra a sua vontade, em caso de insolvência de dívida. Isto ocorreu com os Schramm em Sergipe (Almeida, 1993, p. 278).



na Bahia. Certamente, retornou à Hamburgo, onde nascera em 1854 (A Reforma, 1889, nº 121).

O quarto e último fato que anuncia o desmonte das firmas dos Schramm no Brasil foi a saída das empresas por Franz Otto Schramm, em 1904. Antes de sair e retornar definitivamente para Hamburgo, Otto instituiu em janeiro de 1890 seus procuradores nas firmas de Sergipe e da Bahia. O procurador da Schramm & C^a de Maruim foi o sr. Karl Löeser; e o procurador da Schramm Stade & C^a de Salvador foi o sr. Ernest Thomsen. Eles tratariam de “todos os negócios” das duas casas comerciais. Sete anos depois de extinta a razão social das empresas, sob a denominação de Schramm, Franz Otto faleceu em 1911 na Alemanha. A firma Schramm & C^a fora liquidada em 1916 (Gazeta de Sergipe, 1890, nº 01; Almeida, 1984, p. 182).

Em Maruim, cidade onde viveu e trabalhou por cerca de quatro décadas, Otto foi homenageado em 1930, dando nome ao Parque Otto Schramm, nas proximidades da sede do antigo consulado e do trapiche da Schramm & C^a. Ainda hoje, o logradouro existe com o mesmo topônimo; um resquício de lugar de memória da intensa presença dessa família hamburguesa no Brasil (Dantas, 1930, p. 113; Silva, 2020, p. 583).

Conclusão

Os Schramm viveram e trabalharam no Brasil cerca de oito décadas, entre 1831 e 1916. Neste período, eles se constituíram em relevante empresa comercial no Nordeste, e sobretudo em Sergipe, onde adquiriram poder às custas da sua experiência europeia de comércio, de suas disponibilidades financeiras e da carência do numerário para os produtores locais e mesmo para o próprio governo. Isto lhes garantiu privilégios raramente ameaçados (Almeida, 1984, p. 183).

O raio de ação da casa hamburguesa ultrapassou o comércio de exportação e importação. Aliás, este setor era quase que absolutamente controlado pelos Schramm, como vimos em relação ao açúcar e ao algodão sergipanos. A trajetória dos Schramm foi direcionada, principalmente, em busca das áreas de produção sacarina

no Nordeste (Pernambuco, Sergipe e Bahia). Neste sentido, no que diz respeito a Sergipe, onde operavam diretamente, eles contribuíram para a melhoria técnica da produção do açúcar e do algodão e da navegação portuária, bem como da importação de máquinas e disponibilidade de crédito aos produtores.

Um historiador da economia sergipana, escreveu que “entre as diversas atividades econômicas da Casa Schramm em Sergipe, há a suspeita, lançada por concorrentes britânicos, de participações no tráfico negreiro internacional”. Contudo, o estudioso não apresentou indícios e/ou nem documentos sobre essa suspeita. Também não encontramos vestígios nesta pesquisa que nos levassem a essa especulação. (Subrinho, 1991, p. 38).

Ainda sobre a atuação econômica dos hamburgueses em Sergipe, temos que a partir de 1839 a A. Schramm & C^a rompeu com o exclusivismo da intermediação da Bahia para exportação do açúcar, iniciando a navegação direta de Sergipe para portos internacionais. Assim, não se pode negar o papel significativo de A. Schramm & C^a para a “melhoria das condições comerciais e tecnológicas da província, bem como a compensação financeira pela falta de um banco local” (Almeida, 1984, p. 184; Almeida, 1993, p. 273).

Ademais, para além do setor econômico, os Schramm também atuaram investindo em capital simbólico. A exemplo do lazer náutico em Aracaju, com a promoção de regatas e a criação de um clube amador entre 1872 e 1876.³⁷ Também investiram na leitura de livros, com a participação na criação do Gabinete de Leitura de Maruim em 1877. Com isso, os Schramm ajudaram na circulação de saberes, numa sociedade com alto índice de analfabetismo.

Já na seara da arte sacra, houve a doação do relógio, do sino e do órgão de tubos importados para a matriz de Maruim. Tais doações demonstram, por um lado, um ato de tolerância e respeito à religião oficial do Estado, embora os Schramm fossem luteranos; e por outro lado, ampliou o prestígio e o poder alcançados pela Casa hamburguesa na província.

³⁷ Este esporte, a regata, sobreviveu no estuário de Aracaju até a primeira metade do século XX, com a criação de clubes como o Cotinguiba e Sergipe (A CRUZADA, 1961, nº 1.226).



Quanto à paulatina liquidação das empresas dos Schramm no Brasil, supomos que ela talvez se deva, entre outros fatores internos já apontados, e em grande medida, a uma crise geral na economia do Império, que reduziu a produção de açúcar para quase um terço, sobretudo na Bahia e em Sergipe, nas últimas décadas do século XIX. Neste cenário, as províncias açucareiras do Nordeste não conseguiram “atrair aplicações de recursos de fora com garantido retorno” (Almeida, 1984, p. 257).

Desta forma, o baixo preço do açúcar; juros altos; produção rotineira; fragmentação da terra por herança; endividamento e falência de produtores; deficiência nos meios de comunicação e transporte; constante mudanças cambiais; fim do tráfico negreiro; concorrência do açúcar de cana produzidos em Java e Cuba; e do açúcar de beterraba na Europa; além de maiores investimentos do Governo Central nas lavouras de café do Sudeste, foram fatores determinantes para o fim das empresas dos Schramm no Nordeste (Almeida, 1993, p. 204 *et passim*; Subrinho, 1991, p. 38).

Apesar da liquidação das firmas no Brasil no início do século XX, os Schramm mantiveram relações econômicas por décadas, formando uma sociedade próspera e relativamente sólida. Mas muita coisa precisa ainda ser pesquisada sobre essa família teutônica no Brasil, pois como afirmou um historiador: pelo tempo de atuação e as diversas atividades econômicas em que se envolveram, é de se imaginar que exista um volume grande de documentos envolvendo Schramm & C^a que ainda não foi examinado (Subrinho, 1991, p. 37).

Este artigo buscou diminuir essa lacuna, fazendo uma trajetória daquela influente Casa hamburguesa pelo Nordeste açucareiro. Neste percurso, percebeu-se um evidente paradoxo entre as atitudes capitalistas de comércio e finanças praticadas pelos Schramm e uma economia patriarcal movida pela escravização da mão-de-obra. Este contexto contraditório, levou os membros da família alemã a vivenciarem em nosso país vitórias e perdas, alegrias e tristezas, ascensão e crise, mas sempre mantendo fortes laços de família.



Fontes e Referências:

ALMANAK **Administrativo, Mercantil e Industrial da Bahia**. Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson, 1862.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe**: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis: Vozes, 1984.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Nordeste Açucareiro**: desafios num processo do vir-a-ser capitalista. Aracaju: UFS/SEPLAN/BANESE, 1993.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe**: 1859. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.

BRASIL. Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica, 1866, imagem 121, p. 114. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:6X8G-YFJ9>. Acesso em: 03/11/2024.

BUENO, Francisco Antônio Pimenta. **Relatório sobre preferência de traçados para estrada de ferro na província de Sergipe**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1881.

CAMPOS, Pedro Moacyr. Brasil-Alemanha. In HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II: O Brasil Monárquico, v. 4, 2ª ed. São Paulo: Difel, 1974. p. 216-232.

CANSTATT, Oscar. **Brasil**: terra e gente, 1871. Brasília: Senado Federal, 2002.

CARDOSO, Amâncio. João Bloem: um engenheiro prussiano em Sergipe do século XIX. In **Sergipe**: História, Cultura e Turismo. Aracaju: Artner, 2023. p. 146-151.

CARDOSO JUNIOR, Francisco José. **Relatório com que abriu a Assembleia Provincial**. Aracaju: Typ. do Jornal do Aracaju, 04 de março de 1870.

DANTAS, Manoel Correa. **Mensagem do Governador apresentada à Assembleia Legislativa**. 07 de setembro de 1930. Aracaju: Imprensa Oficial, 1930.

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. **Terra, Trabalho e Indústria na Colônia de Imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920**. São Paulo: USP/FFLCH, 2019. (Tese de Doutorado em História Econômica).

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. Empresários alemães no sul do Brasil: a trajetória da Kolonisations-verein von 1849 in Hamburg (1846-1855). **História Econômica & História de Empresas**. São Paulo, v. 23, nº 1, 2020, p. 165-196.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: da independência do Brasil à Lei Áurea. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022. v. III.



HOUAISS, Antonio (dir.). **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002 (1 Cd Rom).

LAMBERG, Moritz. **O Brazil**. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1896.

LENZ, Sylvia. As relações consulares da Prússia e das cidades Hanseáticas com o Brasil negociadas no Rio de Janeiro, em 1827. **Maracanan**. Rio de Janeiro, nº 2, p. 57-87, 2004.

MATZKE, Rolf. Dirk Bavendamm “Reinbek”. *Unterlagen des Museumsvereins Reinbek E. V.*, 1988. Disponível em: <https://www.museumsverein-reinbek.de/reinbeker-profile/>. Acesso: 21/09/2024.

MONTALVÃO, Elias. Qual o rio que banha a cidade? **Revista do IHGSE**. Aracaju, v. 6, nº 10, p. 31-35, 1925.

NARANCH, Bradley. Between Cosmopolitanism and German Colonialism: Nineteenth-Century Hanseatic Networks in Emerging Tropical Markets. In GESTRICH, Andreas (Ed.). **Cosmopolitan Networks in Commerce and Society 1660–1914**. London-UK: German Historical Institute, 2011. p. 99-132.

NARANCH, Bradley. **Blood and Empire: Global Expansion and the Making of Modern Germany**. Stanford University Press, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso: 25/09/2024.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Notas para o estudo da imigração alemã em Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, nº 35, p. 151-177, 2006.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Preços de escravos em Campinas no século XIX. **História Econômica & História de Empresas**, [ABPHE] v. 20, nº 1, 2017, p. 85-123.

SANTOS, Isaura dos. A vida de um pintor: Oséas dos Santos. **Revista do IHGSE**. Aracaju, nº 26-A, 1962-1965.

SCHRAMM, Adolphine. **Cartas de Maruim**. Tradução: José Edgar da Mota Freitas. São Cristóvão: UFS/NUCA, 1991.

SCHRAMM, Percy Ernst. **Neun Generationen: Dreihundert Jahre deutscher Kulturgeschichte im Lichte der Schicksale einer Hamburger Bürgerfamilie (1648–1948)**. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1964, v. 2.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**. Campinas-SP, n. 24, 1º semestre de 2013.

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Inventário Cultural de Maruim**. 2. ed. Maruim-SE: Colorgraf, 2020.

SILVA, Camila Borges da. As comendas honoríficas e a construção do Estado Imperial (1822-1831). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, ANPUH, julho 2011. Disponível em: https://snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307136341_ARQUIVO_TextoAnpuh2011.pdf. Acesso em: 06/03/2025.

SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos. Pós-fácio. In SCHRAMM, Adolphine. **Cartas de Maruim**. Tradução: José Edgar da Mota Freitas. São Cristóvão: UFS/NUCA, 1991. p. 37-39.

SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos. **Reordenamento do trabalho: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste açucareiro**. Sergipe, 1850-1930. Aracaju: FUNCAJU, 2000.

TRAVASSOS, Antônio José da Silva. **Apontamentos históricos e topográficos sobre a Província de Sergipe**. Aracaju: SEC, 2004. (1ª edição de 1875).

VEIGA, Evaristo Ferreira da. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial**. Aracaju: Typ. do Jornal do Sergipe, 1869.

348



Periódicos:

A Cruzada. Aracaju, 04 de novembro de 1961, nº 1.226, p. 03.

A Reforma. Aracaju, 15 de maio de 1884, nº 29, p. 04.

A Reforma. Aracaju, 29 maio de 1887, nº 22, p. 04.

A Reforma. Aracaju, 30 de setembro de 1888, nº 90, p. 04.

A Reforma. Aracaju, 19 de maio de 1889, nº 121, p. 04.

Correio da Bahia. de 29 de maio de 1872 a 05 de janeiro de 1878, do nº 53 ao nº 232.

Correio do Brasil. Salvador, 09 de outubro de 1903, nº 40, p. 03.

Correio do Brasil. Salvador, 16 de março de 1904, nº 167, p. 02.

Correio Mercantil. Rio de Janeiro, 07 de junho de 1855, nº 156, p. 02.

Correio Sergipense. São Cristóvão, 12 de julho de 1848, nº 51, p. 03.

Correio Sergipense. São Cristóvão, 17 de abril de 1852, nº 30, p. 03.

Correio de Sergipe. São Cristóvão, 27 de janeiro de 1855, nº 07, p. 02-03.

Correio Sergipense. Aracaju, 11 de junho de 1856, nº 34, p. 02.

Correio Sergipense. Aracaju, 20 de maio de 1863, nº 38, p. 02.

- Diário da Bahia.** Salvador, 04 de novembro de 1882, nº 247, p. 03.
- Diário da Bahia.** Salvador, 13 de março de 1889, nº 56, p. 03.
- Diário da Bahia.** Salvador, 26 de julho de 1889, nº 163, p. 03.
- Diário de Pernambuco.** Recife, de 18 de novembro de 1830 a 29 de junho de 1874, vários números.
- Diário do Rio de Janeiro,** 07 de março de 1837, nº 06, p. 04.
- Diário do Rio de Janeiro,** 28 de maio de 1852, nº 8.999, p. 01.
- Echo Liberal.** Aracaju, 22 de julho de 1882, nº 41, p. 04.
- Gazeta do Aracaju,** 1º de agosto de 1880, nº 59, p. 02.
- Gazeta do Aracaju,** 30 de abril de 1881, nº 96, p. 04.
- Gazeta do Aracaju,** 14 de outubro de 1882, nº 172, p. 04.
- Gazeta de Sergipe.** Aracaju, 01 de janeiro de 1890, nº 01, p. 04.
- Jornal de Notícias.** Salvador, 27 de maio de 1892, nº 3.752, p. 03.
- Jornal do Aracaju,** 10 de julho de 1872 a 15 de junho de 1878, do nº 289 ao nº 962.
- Jornal do Commercio.** Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1843, nº 226, p. 03-04.
- Jornal do Commercio.** Rio de Janeiro, 04 de julho de 1859, nº 183, p. 01.
- Jornal do Commercio.** Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1873, nº 302, p. 05.
- Jornal de Sergipe.** Aracaju, 09 de julho de 1879, nº 72, p. 04.
- Jornal de Sergipe.** Aracaju, 12 de maio de 1880, nº 43, p. 03.
- Jornal de Sergipe.** Aracaju, 24 julho de 1880, nº 65, p. 04.
- Jornal de Sergipe.** Aracaju, 03 de agosto de 1880, nº 69, p. 04.
- O Americano.** Aracaju, 17 de dezembro de 1876, nº 47, p. 01.
- O Conservador.** Aracaju, 30 de dezembro de 1871, nº 185, p. 02-03.
- Sergipe.** Aracaju, 27 de novembro de 1881, nº 24, p. 04.
- Sergipe.** Aracaju, 12 de outubro de 1882, nº 115, p. 04.

Sites:

CINTRA, Jacintho. **Imperial Ordem da Rosa**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/memories/memory/16368049>. Acesso em: 15/02/2025.

Robert Avé-Lallemant [biografia]. Disponível em: <https://www.anm.org.br/>. Acesso: 04/11/2024.

SCOTT, Kim Allen. **William Milnor Robert**: biographical note. Disponível em: <https://archiveswest.orbiscascade.org>. Acesso em: 11/11/2024.

SORENSEN, Lee. **Percy Ernst Schramm**. Disponível em: <https://arthistorians.info/schrammp/>. Acesso em: 18/02/2025.

